

REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8, 9 E 10

Silvicultura ganha espaço e amplia renda na agricultura familiar gaúcha



EM PAUTA

Grupo Anvelis aposta em IA e expande operação para o Rio Grande do Sul



GRUPO ANVELIS/DIVULGAÇÃO:

Empresa que tem origem em Curitiba, no Paraná, projeta superar a contratação de 50 colaboradores no Rio Grande do Sul ainda em 2026

Com mais de 300 colaboradores, companhia completa a atuação na Região Sul com chegada ao RS

Agnês Noll
agnes@jcrs.com.br

As marcas Versátil Andaimos e Escoramentos e LIG Andaimos desembarcam no Rio Grande do Sul com uma unidade de mais de 2.500 m² em Xangri-Lá, ampliando a atuação do Grupo Anvelis para os três estados da região Sul. A operação gaúcha, inaugurada em abril, já conta com mais de 10 colaboradores e a projeção é alcançar mais de 50 funcionários até o início de 2026, com prioridade para contratação de mão de obra local.

Com crescimento consistente nos últimos anos e investimentos em equipamentos, tecnologia e infraestrutura, o grupo mira expansão contínua em 2026 e 2027, consolidando a liderança que já detém no Paraná e em Santa Catarina.

Fundado há 39 anos em Curitiba pelo casal Sergio e Neide Sosvianin, o grupo nasceu com

apenas 300 peças de andaime e duas pessoas. Hoje, sob a liderança do CEO Alessandro Almeida, reúne mais de 300 colaboradores, cinco unidades entre Paraná e Santa Catarina e um portfólio que abrange desde locações simples até soluções completas de engenharia para médias e grandes obras.

A escolha de Xangri-Lá segue a lógica estratégica já aplicada no litoral catarinense: acesso logístico facilitado e proximidade com grandes centros urbanos, como Porto Alegre e a região metropolitana. “Somos do Sul e faz muito sentido para a gente estar nos três estados da região. A chegada ao Rio Grande do Sul visa iniciar um novo capítulo na história da empresa, nos aproximando de um mercado que tem muito a oferecer”, afirma o CEO do Grupo, Alessandro Almeida.

O Grupo Anvelis opera com duas frentes de negócio bem definidas. A Versátil Andaimos e Escoramentos atua no modelo B2B, voltada a construtoras e grandes obras, com locação de equipamentos associada a projetos de engenharia. Os principais produtos são o sistema de escoramento, o andaime mul-

tidirecional e o andaime facheiro. “A gente costuma dizer que não é uma locação pura e simples. A engenharia consegue propor a melhor solução para cada tipo de obra, fazendo com que o cliente economize com locação e a empresa rentabilize ainda mais o seu ativo”, explica Almeida.

Já a LIG Andaimos é voltada a locações mais rápidas e sem complexidade técnica, atendendo mestres de obra, empreiteiros e proprietários que precisam de equipamentos para reformas, pinturas ou reparos. O carro-chefe são andaimes tubulares, andaimes de quadro e escoras avulsas. A proposta é simples: agilidade máxima, com o equipamento entregue no mesmo dia do pedido.

Além da locação, a Versátil também é fabricante — produz a maior parte dos equipamentos utilizados pelas duas marcas, o que garante agilidade no abastecimento e controle sobre o padrão de qualidade. Outro diferencial do grupo é a atuação fora do canteiro de obras: a Versátil já forneceu estruturas para eventos, teatros e ativações urbanas, como o Natal de Curitiba,

e para montagem estrutural de pontos de venda.

Em um setor historicamente avesso à inovação, o grupo tem apostado em projetos de tecnologia e inteligência artificial em todas as áreas, back-office, logística, fábrica e comercial. “Não tem como não usar. A IA já não é mais parte do futuro, ela está presente no nosso dia a dia”, avalia o CEO.

No campo da cultura organizacional, o grupo se reconhece sob o nome Anvelis e tem como valor central a ideia de responsabilidade e prosperidade sustentada, crescendo com resultado, mas sem abrir mão do cuidado com as pessoas. A empresa também é detentora da Certificação de Boas Práticas no Combate à Violência Contra as Mulheres, concedida pela ABNT em parceria com o Instituto Nós Por Elas.

Para celebrar a chegada ao Rio Grande do Sul, as marcas realizaram dois eventos em abril na Privilège, em Xangri-Lá, com a palestra “Por que ouvir histórias vai mudar a sua vida”, conduzida pelo comunicador Luciano Potter, jantar com o chef João Rotert e momentos de networking.

RAIO X

- **EMPRESA:** Grupo Anvelis (marcas Versátil Andaimos e Escoramentos e LIG Andaimos)
- **ANO DE FUNDAÇÃO:** 1986
- **CIDADE DE ORIGEM:** Curitiba (PR)
- **ÁREA DE ATUAÇÃO:** Locação de andaimes, escoramentos e equipamentos para construção civil, com soluções de engenharia para médias e grandes obras.
- **ONDE A EMPRESA QUER ESTAR EM CINCO ANOS:** Consolidada como líder nos três estados do Sul do Brasil, com crescimento considerável em unidades, equipe e capacidade de atendimento na região.
- **DIFERENCIAIS COMPETITIVOS:** Fabricação própria de equipamentos, projetos de engenharia integrados à locação, agilidade na entrega, proximidade com o cliente e atuação com duas marcas complementares para públicos distintos.
- **PRINCIPAIS CLIENTES OU SEGMENTOS ATENDIDOS:** Construtoras, empreiteiros, mestres de obra, prestadores de serviços e proprietários de imóveis em reforma.



CERNE PRODUTORA/DIVULGAÇÃO/IC

“Começamos com 300 peças de andaime e duas pessoas chegando de São Paulo com uma mala e uma filha. Hoje somos mais de 300 colaboradores distribuídos em três estados. Essa trajetória nos dá confiança para continuar crescendo com responsabilidade e propósito.”

Alessandro Almeida,
CEO

FEED



O que você faria se não tivesse medo?: Reinvente sua vida profissional... Borja Vilaseca; Editora Principium; 224 páginas; R\$64,90; Disponível em versão física e digital.

Propósito

E se o medo deixasse de guiar suas decisões e você finalmente tivesse coragem de correr atrás dos seus sonhos? É com esse questionamento que Borja Vilaseca inicia seu terceiro livro “O que você faria se não tivesse medo?”. Referência internacional em desenvolvimento pessoal e empresário, Vilaseca reflete sobre dinheiro, trabalho e consumo, propondo uma revisão das crenças que moldam nosso lugar no mundo profissional.

Partindo de um panorama histórico sobre a evolução da economia, o autor mostra um mundo marcado pela automação, pela precarização e por transformações constantes, no

qual reinventar-se deixou de ser opção e tornou-se necessidade. Ao longo da leitura, somos convidados a encarar de frente o sentimento que mais nos paralisa: o medo, e como ele se instala em nossa forma de pensar, sentir e agir, influenciando escolhas profissionais, relações e projetos de vida.

Dessa forma, Vilaseca incentiva o leitor a sair da zona de conforto, transformar paixões em projetos criativos – e rentáveis – e repensar escolhas profissionais. Um convite a aprender mais sobre nós mesmos e como conduzir a própria trajetória com mais propósito, autonomia e clareza em um mundo de mudanças cada vez mais aceleradas.



A bolsa no bolso: Fundamentos para investimentos em ações; Moises e Ilda Spritzer; Editora FGV; 144 páginas; R\$ 33,00; Disponível em versão física e digital.

Investimentos

Com o objetivo de promover a educação financeira no Brasil, os professores Moises e Ilda Spritzer elaboraram neste livro os fundamentos para investimentos em ações. “A bolsa no bolso: Fundamentos para investimentos em ações” é voltado aos executivos com formação não financeira, profissionais liberais, administradores, proprietários de empresas e a todas as pessoas interessadas em conhecer novas alternativas de investimentos e os riscos do mercado de capitais.

O livro é o principal destaque da “FGV de Bolso - Série Economia & Gestão”, coleção que traz obras curtas e objetivas que traduzem

conceitos complexos do mercado financeiro e corporativo. Moises e Ilda produzem um material introdutório sobre o funcionamento básico do mercado, alternativas de investimentos e os riscos associados, análise de empresas, conceitos essenciais e como dar os primeiros passos na composição de carteiras de ações.

A obra busca desmistificar o mercado acionário, frequentemente visto como complexo ou restrito a especialistas. Ao combinar explicações teóricas com exemplos práticos, os autores auxiliam o leitor a compreender fatores que influenciam o desempenho das ações e a tomar decisões mais conscientes.

Carreira

Em “Como fazer sua (próxima) carreira decolar”, Dale Carnegie, escritor e professor americano, traz métodos para você se tornar capaz de alcançar a carreira que sempre almejou. A obra ajuda a reconhecer qual é o momento certo para dar o próximo passo na carreira e quais decisões tomar para não acabar estagnado em um emprego que não traz realizações profissionais e pessoais.

O autor reflete maneiras de buscar novos conhecimentos, progredir no emprego atual, encontrar a melhor forma de mudar de carreira e transformá-la. Com os conceitos apresentados, o Carnegie ensina a aprimorar sua postura profissional e desenvolver qualidades para se tornar o melhor candidato a uma pro-

moção ou a um novo emprego. O livro oferece conselhos essenciais para desenvolver habilidades como elaborar uma marca pessoal, aperfeiçoar a prática de gestão de pessoas, a escrita e a habilidade de falar em público, progredir na empresa e, se necessário, buscar mudar de carreira.

Carnegie entende o quanto é essencial conquistar a satisfação pessoal e profissional e defende que o sucesso profissional não depende apenas de competência técnica, mas também da capacidade de construir relacionamentos, comunicar ideias com clareza e adaptar-se às mudanças do mercado. A obra apresenta estratégias para planejar os próximos passos da carreira com mais confiança, propósito e preparo.



Caxias do Sul recebe nova unidade do CIEE-RS

A Serra Gaúcha acaba de ganhar um novo espaço voltado à formação de jovens, à inovação e ao desenvolvimento regional. No último dia 16 de junho, o Centro de Integração Empresa Escola do Rio Grande do Sul (CIEE-RS) inaugurou sua nova unidade em Caxias do Sul, ampliando a capacidade de atendimento da instituição e fortalecendo sua atuação na região.

Com cinco andares e 13 salas de aprendizagem, a estrutura foi planejada para atender estudantes, empresas, instituições de ensino e a comunidade, criando um ambiente voltado à geração de oportunidades e à construção de soluções para desafios sociais e econômicos da região.



Nano Produtora

“Queremos que esta unidade seja um espaço de conexões e oportunidades. Um ambiente onde jovens, empresas, instituições de ensino e comunidade possam construir juntos caminhos para o desenvolvimento humano, social e econômico da Serra Gaúcha”, destaca o CEO do CIEE-RS, Lucas Baldisserotto.

Atualmente, a regional de Caxias do Sul atende cerca de 2 mil jovens em programas de estágio e aprendizagem, sendo aproximadamente metade desse público no próprio município. Com a nova estrutura, a capacidade operacional da unidade foi ampliada, criando condições para o desenvolvimento de novos projetos e para o fortalecimento das conexões entre jovens, empresas e instituições de ensino.

A nova unidade integra o movimento de expansão do CIEE-RS, que vem investindo na modernização de suas estruturas e na ampliação da presença em diferentes regiões do Rio Grande do Sul. A proposta é levar para a Serra um modelo já consolidado pela instituição, conectando educação, desenvolvimento humano, empregabilidade e inovação social.

O espaço também contribuirá para a expansão das iniciativas do Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação Social (ICT-S), fortalecendo um ecossistema regional capaz de conectar diferentes setores na busca por soluções inovadoras e de impacto social para a Serra Gaúcha.



Como fazer sua (próxima) carreira decolar; Dale Carnegie; Editora BestSeller; 320 páginas; R\$ 64,90; Disponível em versão física e digital.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000



Acompanhe as nossas novidades





VISÃO EMPRESARIAL

Kaká Cerutti

Publicitária e Vice-presidente da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA)

Porto Alegre também é uma marca

Toda cidade comunica algo, mesmo sem perceber. Comunica pela forma como acolhe quem chega, pela vitalidade de suas ruas, pela força de seus empreendedores, pela memória preservada em seus prédios, pela cultura que pulsa nos bairros, pelos encontros que promove e pelos vazios que ainda precisa preencher.

Porto Alegre comunica história, trabalho, inteligência, afeto e resistência. Mas talvez tenha chegado o momento de nos perguntarmos: estamos comunicando a potência da nossa cidade com a clareza que ela merece?

Como publicitária e estrategista de marcas, aprendi que reputação não se constrói apenas com discurso. Ela nasce da coerência entre identidade, experiência e percepção. Uma marca forte sabe quem é, reconhece seus diferenciais, assume desafios e projeta futuro sem perder sua essência. Com uma cidade não é diferente.

Porto Alegre tem uma identidade rica, plural e profunda. É capital de negócios, conhecimento, cultura, inovação, associativismo e encontros. É uma cidade feita por pessoas que empreendem todos os dias, abrindo as portas de seus comércios, escritórios, restaurantes, clínicas, escolas e serviços antes mesmo de a cidade despertar.

São essas pessoas que fazem Porto Alegre acontecer. Elas movimentam a economia, geram empregos, sustentam relações e transformam esquinas em pontos de convivência. Cada negócio local é uma declaração de confiança na cidade. Por isso, falar sobre a marca Porto Alegre não é falar de maquiagem institucional. É falar de reputação, pertencimento e desenvolvimento. É compreender que a imagem de uma cidade impacta sua capacidade de atrair investimentos, turistas, talentos, eventos, negócios e o orgulho de quem

vive aqui. Depois de tudo o que enfrentamos, Porto Alegre não precisa apenas ser reconstruída em sua infraestrutura. Precisa também ser reposicionada em seu imaginário. Reconstruir uma cidade é recuperar ruas e estruturas. Mas é também recuperar confiança, autoestima coletiva e visão de futuro.

Talvez esse seja um dos nossos maiores desafios: voltar a olhar para Porto Alegre não apenas pelo que falta, mas pelo que existe. Não apenas pelos problemas que nos cobram respostas, mas pelos ativos que nos convocam à responsabilidade. Temos universidades, talentos criativos, entidades atuantes, vida cultural, gastronomia, tradição empreendedora e articulação.

A Associação Comercial de Porto Alegre tem papel essencial nesse movimento, porque representa uma força viva da cidade: quem empreende, insiste, gera, conecta e constrói. O desenvolvimento urbano não nasce apenas de obras. Nasce também das redes que se formam, das lideranças que se mobilizam e das conversas que viram projetos.

Porto Alegre precisa ser vivida, cuidada, contada e defendida por quem acredita nela. Uma cidade só se fortalece quando seus moradores deixam de ser espectadores e passam a ser embaixadores do seu valor.

A pergunta, então, não é apenas que cidade queremos ter. É que cidade ajudamos a comunicar. Porque Porto Alegre também é uma marca. E uma marca forte não é aquela que esconde cicatrizes. É aquela que transforma sua história, sua verdade e sua capacidade de se reinventar em valor percebido. A cidade que queremos construir começa na forma como escolhemos enxergá-la, ocupá-la e narrá-la. Porto Alegre precisa comunicar melhor aquilo que já é, enquanto reconstrói aquilo que ainda precisa ser.

Porto Alegre comunica história, trabalho, inteligência, afeto e resistência

OPINIÃO

Burnout não é falha individual

Marnie Dobson

diretora da Healthy Work Campaign

O estresse relacionado ao trabalho tem um custo alto que alcança empresas, sistemas de saúde e toda a sociedade. Ele afeta a saúde dos trabalhadores, reduz a produtividade e aumenta os afastamentos. Durante muito tempo, porém, esses problemas foram tratados como fragilidades individuais.

Hoje, as evidências mostram algo diferente: a forma como o trabalho é organizado tem papel decisivo no adoecimento mental e físico das pessoas. Os riscos psicossociais, como sobrecarga de trabalho, insegurança no emprego, assédio e falta de apoio organizacional, tornaram-se um desafio de saúde pública e de gestão das organizações.

Foi nesse contexto que surgiu a Healthy Work Campaign (HWC), iniciativa de saúde pública criada nos Estados Unidos para ampliar a conscientização dos impactos do estresse ocupacional e promover estratégias de prevenção dos riscos psicossociais.

Desde seu lançamento, em 2019, a campanha mobiliza milhares de trabalhadores, empregadores, sindicatos e

organizações, oferecendo ferramentas para identificar fatores de risco e estimular mudanças ocupacionais.

Como diretora da HWC, acompanho o crescente reconhecimento de que ambientes saudáveis não são apenas desejáveis, mas essenciais para a saúde das pessoas e o desenvolvimento das organizações.

Enfrentar o estresse ocupacional exige mais do que fortalecer a capacidade individual de adaptação. É preciso revisar a forma como o trabalho é organizado, reduzindo fatores como excesso de demandas, insegurança, conflitos e pressão constante. Investir em ambientes psicologicamente se-

guros beneficia trabalhadores, empregadores e a sociedade. O futuro do trabalho depende da capacidade das organizações conciliarem desempenho, segurança e bem-estar.

À medida que diferentes países avançam no reconhecimento dos riscos psicossociais como uma questão de saúde e segurança do trabalho, torna-se cada vez mais importante compartilhar experiências para orientar políticas e práticas organizacionais eficazes. Esse será o foco da palestra “Healthy Work, Healthy Futures”, que apresentarei no dia 23 de junho, no 26º Congresso Internacional da ISMA Brasil, em Porto Alegre.

Os riscos psicossociais, como sobrecarga de trabalho, insegurança no emprego, assédio e falta de apoio organizacional, tornaram-se um desafio de saúde pública e de gestão das organizações.



Quem cuidará do consultório? A sucessão entra na agenda dos profissionais da saúde no RS

João Batista Loredo de Souza

Diretor Executivo Uniced Porto Alegre

A evolução dos serviços de saúde no Rio Grande do Sul delineia um cenário onde o cuidado com a vida caminha lado a lado com a gestão patrimonial. Além do exercício da profissão e da vocação assistencial, profissionais de saúde atuam hoje como empreendedores de seus próprios consultórios, clínicas e laboratórios. Contudo, o amadurecimento desse ecossistema traz o desafio iminente de garantir que o patrimônio construído com anos de dedicação seja preservado e transmitido com segurança para as próximas gerações.

Segundo a Demografia Médica, o Rio Grande do Sul possui uma das maiores densidades

de especialistas do País, com 67,9% dos profissionais registrados nessa condição. Essa robustez estende-se a dentistas, fisioterapeutas, psicólogos e demais profissionais do setor, que geram emprego, investem em tecnologia e acumulam ativos relevantes. A questão traz mais complexidade ao processo quando trazemos a questão da perenidade financeira. Muitos desses negócios ainda operam sob forte dependência da presença física do fundador, sem estratégias de transição ou diversificação de investimentos que protejam a família em momentos de ausência.

Existe o mito de que o planejamento sucessório e financeiro é exclusividade de grandes corporações ou fortunas hercúleas. Na realidade, organizar

as finanças, proteger os bens e desenhar uma sucessão tranquila são passos plenamente acessíveis e customizáveis para qualquer tamanho de clínica ou consultório.

Para quem constrói um legado dia após dia no atendimento aos pacientes, planejar o amanhã não é um luxo distante, mas uma ferramenta de proteção. Trata-se de utilizar soluções financeiras estratégicas, previdência, estruturação de contas e fundos adequados para desmistificar o processo. Através do cooperativismo e do planejamento personalizado, todo profissional de saúde pode blindar suas conquistas, mitigar riscos jurídicos e garantir a continuidade do seu patrimônio com a proximidade e a segurança que sua trajetória merece.

REPORTAGEM ESPECIAL

Silvicultura se consolida como alternativa de renda e sustentabilidade

Agricultores familiares têm optado pelo plantio de árvores para diversificação produtiva, como alternativa mais resistente às adversidades climáticas como estiagem e chuvas intensas.

Ana Esteves

Especial para o JC

A silvicultura entrou na vida do agricultor Charles Pigatto, de Ivorá, na Região Central do Rio Grande do Sul, como alternativa para driblar problemas causados pelas mudanças climáticas que, há alguns anos, vêm trazendo prejuízos e perdas nas lavouras dos produtores gaúchos.

A decisão por adotar o plantio de eucalipto como forma de diversificar a produção veio após uma quebra expressiva na lavoura de soja que Pigatto cultiva, seguindo a tradição da família de imigrantes italianos que começou com o avô dele. “Faz 20 anos que planto eucalipto, pois é uma cultura que nos dá uma certa tranquilidade, seja nos anos de chuva em excesso ou de seca, ele continua produzindo. Um pouco da madeira eu uso na propriedade e outro tanto vendo”, conta o agricultor.

As florestas plantadas viraram alternativa de renda para muitas famílias de produtores gaúchos, tanto para superar crises e incrementar a renda quanto como alternativa de diversificação na propriedade. O extensionista rural e coordenador estadual das áreas de silvicultura e sistemas agroflorestais da Emater/RS-Ascar, Antônio Carlos Leite de Borba, afirma que a silvicultura comercial apresenta boas perspectivas de crescimento nesse nicho. Segundo ele, o avanço é impulsionado pelo aumento da demanda por madeira, tanto para uso interno nas propriedades quanto para os mercados regionais de energia, construção e secagem.

Borba destaca ainda que a baixa expansão dos plantios nos últimos anos criou uma lacuna de oferta, estimulando novos investimentos. Outro fator que favorece a atividade é a simplificação da legislação ambiental, que reduziu a burocracia, especialmente para pequenos e médios produtores.

“Além disso, a atividade vem sendo cada vez mais reconhecida como uma estratégia de diversificação de renda, permitindo a entrada de recursos em períodos distintos das atividades tradicionais, como grãos e pecuária”, diz.

Dados da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), no Rio Grande do Sul, apontam que, em 2023, o setor movimentou R\$ 3,8 bilhões no Estado, com uma área plantada de 974 mil hectares de cultivos florestais, representando 9,5% da área plantada nacional.

Os três gêneros florestais mais cultivados em escala comercial em solo gaúcho são eucalipto, pinus e acácia-negra, para suprir diferentes setores da cadeia produtiva florestal. Desse montante, a área de eucalipto representa 63,3% dos plantios no Estado, totalizando cerca de 617 mil hectares.

O pinus representa 29,5%, com 287 mil hectares, enquanto a acácia-negra ocupa 6,9% da área de florestas plantadas, o que representa 67 mil hectares. A silvicultura é praticada nos 497 municípios gaúchos, e todos contam com plantios de eucalipto, 369 com pinus e 120 com acácia-negra.

Leia mais nas próximas páginas >>



Pigatto, de Ivorá, investe na alternativa para driblar problemas causados pelas mudanças climáticas

REPORTAGEM ESPECIAL

FERNANDO DIAS/DIVULGAÇÃO/JC



Pequenas e médias propriedades vêm se destacando na indústria de base florestal, impulsionadas por programas de fomento desenvolvidos por empresas do segmento

Agricultura familiar ganha espaço na produção florestal

Ageflor aposta no crescimento da participação dos pequenos e médios produtores no plantio de madeira

Ana Esteves
Especial para o JC

A participação da agricultura familiar no contexto da indústria de base florestal tende a aumentar nos próximos anos, graças aos programas de fomento desenvolvidos pelas indústrias de base florestal associadas da Associação Gaúcha de Empresas Florestais (Ageflor), que promovem e subsidiam a atividade nas pequenas propriedades.

“Os programas de fomento oferecem diferentes modelos de remuneração, com contratos indexados ao preço do quilo do boi, aos grãos ou a valores monetários fixos. Isso garante uma

receita mínima ao produtor e mais segurança no desenvolvimento da atividade”, afirma o vice-presidente adjunto da Ageflor, Ruter Disarz.

Para o executivo, a pulverização da participação das pequenas e médias propriedades na atividade é fundamental para que haja condições de abastecer as indústrias e, junto com isso, gerar renda, trabalho, conservação ambiental e maior segurança em tempos de mudanças climáticas.

“Num cenário de instabilidade climática, a silvicultura traz uma maior salvaguarda para o produtor, pois se trata de uma atividade perene, de baixo risco para os principais intempéries, onde o produtor pode ter uma garantia de produção, de produtividade e hoje uma garantia de comercialização dos seus produtos, sendo que é uma rentabilidade com a preservação do meio ambiente e um desenvolvi-

mento local das atividades com geração de emprego e desenvolvimento regional”, avalia Disarz.

Embora algumas vezes associada a impactos ambientais, a silvicultura pode desempenhar papel importante na recuperação de áreas degradadas e na proteção do solo quando desenvolvida de forma sustentável. Os impactos negativos estão associados, em geral, a práticas inadequadas de cultivo.

Em termos médios, para cada um hectare plantado há outro hectare conservado, vinculado a áreas de preservação permanente, reserva legal, remanescente de vegetação nativa, tanto florestal como campestres. “O mercado do carbono é um potencial e o Brasil vem caminhando nesse sentido, visando normatizá-lo. Entendemos que nos próximos anos será possível mensurar rendas extras para a atividade”.

Os agricultores familiares po-

dem se inserir na cadeia de base florestal de diversas maneiras, tanto atuando de forma independente, como para a indústria de energia, na geração de biomassa, de cavaco, de lenha, na indústria de processamento de madeira sólida, para a indústria de serrarias, madeira serrada para móveis, para construção civil, pode também trabalhar nas indústrias de painéis de madeira e para indústria da celulose.

Para Disarz, a atividade oferece versatilidade comercial e ganhos de competitividade. “O produtor pode atender diferentes mercados e, quando está próximo de uma indústria de base florestal, obtém vantagem logística e econômica”, afirma. O mercado de carbono também desperta o interesse de produtores e indústrias florestais. Em muitas propriedades, a área preservada supera a destinada à silvicultura, o que pode abrir espaço para futuros ganhos relacionados à

conservação ambiental.

O executivo acrescenta que um dos principais entraves da participação da agricultura familiar na silvicultura é o acesso a linhas de crédito específicos para essa atividade de longo prazo, que podem levar de sete a 20 anos para ter resultado. Isso requer um grande fluxo de caixa nos anos iniciais e que muitas vezes, para a agricultura familiar, é um grande complicador.

“Não há linhas de crédito com juros acessíveis ou linhas subsidiadas pelo governo para que os produtores da agricultura familiar possam fazer esse investimento, para que possam fazer um aporte inicial sem comprometer outras atividades”, afirma. É justamente aí que os programas de fomento vêm auxiliar, mas, segundo Disarz, políticas públicas seriam fundamentais, principalmente de acesso a crédito subsidiado para atividade florestal na agricultura familiar.

REPORTAGEM ESPECIAL

Florestas têm papel estratégico na geração de renda e sustentabilidade do agro

Ana Esteves

Especial para o JC

Não são apenas os 12,1 milhões de hectares de vegetação nativa do Estado que têm papel estratégico para o meio ambiente e para a sustentabilidade da agropecuária no Rio Grande do Sul. As florestas comerciais também entram nesse escopo e contribuem para a conservação da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos e armazenamento de carbono, além de ajudarem a reduzir impactos de eventos climáticos extremos.

“As florestas plantadas também ganham importância no enfrentamento das mudanças climáticas, especialmente em sistemas integrados de lavoura, pecuária e floresta, capazes de neutralizar emissões da pecuária e ampliar a renda no campo”, afirma o pesquisador da Embrapa Pecuária Sul, Hélio Tonini.

Empresas & Negócios - De que forma as florestas plantadas contribuem para a mitigação das mudanças climáticas e para o sequestro de carbono?

Hélio Tonini - As florestas desempenham um papel fundamental na mitigação das mudanças climáticas especialmente no que diz respeito à remoção de gases de efeito estufa (GEE) da atmosfera ao sequestrar e armazenar carbono. Neste aspecto as florestas plantadas devido ao rápido

crescimento e alta produtividade são muito eficientes. Estudos realizados por diferentes unidades da Embrapa têm demonstrado que a inserção de árvores em pastagens em sistemas silvipastoris tem grande potencial para neutralizar as emissões do rebanho bovino, o que é muito importante para o Brasil, um dos maiores exportadores mundiais de proteína animal, com um rebanho estimado em 238 milhões de cabeças. Portanto, aumentar a área com plantios florestais, especialmente em sistemas silvipastoris, tem grande potencial para mitigar emissões de gases de efeito estufa e abrir novos mercados para o País em um mundo com consumidores cada vez mais exigentes em relação a sustentabilidade ambiental e ao bem-estar animal.

E&N - O senhor acredita que as florestas comerciais podem se tornar uma das principais alternativas de diversificação de renda para a agricultura familiar?

Tonini - Sim, é uma tendência e a maior oportunidade está nos sistemas integrados, já que as árvores podem ser incorporadas na pecuária de corte, de leite e nas lavouras, ou seja, a floresta deixa de competir e passa a complementar a produção agropecuária. Por exemplo, a introdução de árvores em campos nativos do Pampa pode ser feita sem a sua substituição, desde que as árvores estejam em arranjo e espaçamento adequados. Pode-se manter a

pecuária com boa produtividade, durante todo o ciclo do componente florestal, agregando serviços ambientais propiciados pelas árvores como o bem-estar animal. Isso é uma vantagem que ainda não foi percebida pelos produtores e nem pelo setor florestal.

E&N - Qual é o perfil dessas propriedades familiares que trabalham com silvicultura no Rio Grande do Sul?

Tonini - No Rio Grande do Sul, a maior parte das florestas plantadas se distribui entre as empresas florestais, produtores rurais fomentados por algum segmento industrial e propriedades com integração agropecuária. As pequenas propriedades familiares localizadas na Serra, Centro-Norte, Vale do Taquari e Alto Uruguai se caracterizam por plantios em pequena escala de eucalipto, erva-mate e pinus (predominante na Serra e Nordeste). Nas médias propriedades rurais, predominantes na Campanha, na Depressão Central e na Metade Sul, são mais comuns os plantios de eucalipto e acácia, frequentemente vinculados a programas de fomento da indústria. Já as grandes propriedades, também concentradas nessas regiões, costumam manter extensas áreas contínuas destinadas à produção de celulose, carvão vegetal e madeira sólida.

E&N - Qual é a participação da agricultura familiar na cadeia florestal gaúcha atualmente?

Tonini - A agricultura familiar

possui uma forte participação no cultivo de acácia e erva-mate e no fornecimento de lenha e madeira para uso regional em pequenas serrarias. Cultivos tradicionalmente associados à agricultura familiar como o do tabaco, plantados por aproximadamente 68 mil famílias, utilizam pequenas florestas de eucalipto como fonte energética estratégica para a secagem. A erva-mate é cultivada por cerca de 14 mil produtores familiares e a acácia-negra por cerca de 40 mil famílias.

E&N - Quais espécies florestais são mais utilizadas por pequenos produtores no Sul do Brasil e por quê?

Tonini - No Rio Grande do Sul, as principais são o eucalipto, várias espécies e materiais genéticos, com 617 mil hectares, o pinus, predominantemente pinus taeda e pinus elliottii, com 287 mil hectares, a acácia-negra com 67 mil hectares, e a erva-mate, com 34 mil hectares.

E&N - A integração entre agricultura, pecuária e floresta tem avançado no País? Quais benefícios esse modelo oferece ao produtor?

Tonini - Estima-se que estão em entre 17 e 18 milhões de hectares, o que representa um aumento de oito vezes em área plantada, nos últimos 15 anos. No Rio Grande do Sul, são 2 milhões de hectares. A predominância é de sistemas de integração lavoura-pecuária (90%),

GABRIEL AQUERE/DIVULGAÇÃO/JC



Tonini destaca papel da silvicultura frente às mudanças climáticas

porém, os sistemas com árvores vêm crescendo rapidamente no Brasil com uma expansão acumulada de 80% nos últimos dois anos, principalmente na região Centro-Oeste. Os benefícios para o produtor são vários, mas podemos enfatizar a diversificação de renda, redução de risco econômico, maior resiliência climática e melhoria do bem-estar e conforto térmico animal na presença de árvores nos sistemas.

Investimentos iniciais relativamente elevados estão entre os principais gargalos

Apesar das perspectivas positivas, o setor ainda enfrenta desafios importantes. Um dos principais gargalos apontados é a necessidade de investimentos iniciais relativamente elevados para uma atividade de retorno de médio e longo prazo.

Embora existam linhas de financiamento, especialmente por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), produtores ainda enfrentam dificuldades relacionadas ao acesso ao crédito, à oscilação do preço da madeira e aos custos de colheita e transporte. A logística é considerada um dos principais entraves para pequenos produtores, especialmente em regiões onde há pouca estrutura industrial ou grande distância dos centros consumidores.

“O transporte da madeira e as operações de colheita exigem equipamentos especializados e podem comprometer parte da rentabilidade”, explica o coordenador estadual das áreas de silvicultura e sistemas agroflorestais da Emater/RS-Ascar, Antônio Carlos Leite de Borba. Outro desafio está na escala de produção, pois pequenos volumes individuais dificultam a negociação direta com grandes compradores, o que reforça a necessidade de fortalecimento de cooperativas, associações e arranjos produtivos locais.

“Hoje, a cadeia produtiva da madeira no Estado funciona de forma descentralizada. Parte significativa da produção familiar é absorvida localmente, seja por propriedades vizinhas, pequenas serrarias, agroindústrias ou pela

demanda ligada à armazenagem de grãos e à pecuária”. Em volumes maiores, a madeira segue para polos regionais e indústrias ligadas à produção de energia, serrarias e celulose. Ainda assim, o setor avalia que a cadeia precisa avançar em organização, infraestrutura e integração dos pequenos produtores.

A expansão da silvicultura também vem acompanhada de debates sobre sustentabilidade e conservação ambiental. Segundo a Emater, a atividade pode ser conciliada com a preservação dos recursos naturais desde que o plantio siga critérios técnicos e respeite a legislação ambiental. As orientações incluem implantação das florestas fora de Áreas de Preservação Permanente (APPs), manutenção da vegeta-

ção nativa em nascentes e margens de rios, planejamento adequado do uso da terra e adoção de práticas de conservação do solo e da água. Entre as medidas recomendadas estão o plantio em áreas degradadas, manutenção da cobertura vegetal, redução da compactação do solo e planejamento das estradas internas e operações mecanizadas.

A instituição também destaca que a silvicultura pode contribuir para proteção ambiental ao aumentar a infiltração e armazenamento de água no solo, reduzir erosão e auxiliar na mitigação de eventos climáticos extremos. “Além das espécies exóticas de rápido crescimento, como eucalipto e pinus, cresce o incentivo ao plantio de espécies nativas, especialmente em projetos de

recuperação ambiental, sistemas agroflorestais e silvipastoris”, completa Borba.

Segundo o extensionista rural Sérgio Morgensten, do Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar de Novo Barreiro, no Norte do Estado, o sistema de integração florestas-pecuária por meio de florestas comerciais também contribui para o bem-estar animal. “É uma alternativa para o produtor trabalhar com sombreamento para o gado de leite e de corte. Além disso, representa uma importante fonte de geração de renda”, explica. Morgensten destaca que o pinus, por exemplo, possui múltiplas finalidades, podendo ser utilizado na produção de móveis, pallets, caixas, palanques e até como fonte de energia e combustível.

REPORTAGEM ESPECIAL

Acácia-negra vira motor do agronegócio familiar no Rio Grande do Sul

A história da silvicultura comercial gaúcha está intimamente ligada à expansão da acácia-negra e ao desenvolvimento de uma cadeia produtiva que hoje envolve milhares de agricultores familiares. Atualmente, mais de 80% dos plantios da espécie no Estado estão localizados em propriedades com menos de 20 hectares. Cerca de 6 mil famílias cultivam a espécie no Rio Grande do Sul, obtendo renda com a comercialização da casca e da madeira.

“A maior parte do fornecimento de matéria-prima da empresa vem de pequenos e médios produtores rurais. Oferecemos mudas melhoradas, adubo, assistência técnica e, dessa forma, esses fornecedores obtêm maior produtividade que a média do mercado. E a empresa também opera com plantios próprios”, afirma o diretor presidente da Seta S/A, Diogo Leuck.

A empresa atua em diferentes etapas da cadeia produtiva, desde a pesquisa genética e produção de sementes até o plantio, colheita, fabricação de cavacos de madeira, exportação de toras e de-

envolvimento de novos produtos derivados do tanino.

“A expectativa é positiva para os próximos anos, pois os investimentos em biocombustíveis, especialmente na produção de etanol de segunda geração, devem impulsionar o consumo de biomassa florestal”, aponta Leuck. Além disso, a indústria moveleira vem ampliando o raio de busca por matéria-prima, sinalizando oportunidades para novos plantios.

A sustentabilidade é outro diferencial, pois a acácia-negra é uma espécie leguminosa capaz de fixar nitrogênio no solo, contribuindo para a recuperação de áreas degradadas. Além disso, aproximadamente 55% das áreas vinculadas à atividade são destinadas à preservação ambiental, incluindo Áreas de Preservação Permanente (APPs) e reservas legais, pois, para cada um hectare de floresta de acácia, a empresa conta com 1,22 hectares de preservação.

A empresa também aposta em inovação para ampliar a competitividade da cadeia produtiva com a chegada ao mercado dos

primeiros resultados do programa de melhoramento genético, com mudas com potencial para produzir até 80% mais madeira, além de proporcionar maior uniformidade e qualidade para fins industriais. “Além disso, os novos usos do tanino vêm ampliando o mercado da acácia-negra. Antes concentrado no curtimento de couro, o produto hoje é utilizado em segmentos como tratamento de água e efluentes, nutrição animal, cosméticos, bebidas, alimentos, construção civil e bioprodutos”, diz Leuck.

Mas, apesar do histórico de crescimento, o setor como um todo atravessa um momento desafiador pela desaceleração de mercados consumidores, o que levou à redução da demanda global por madeira e pressionou os preços. O executivo também aponta como gargalos a alta carga tributária e o alto custo logístico, pela dependência do modal rodoviário.

“O Estado está muito distante dos grandes mercados consumidores, como Ásia, UE e EUA. A alta do custo do diesel nos impactou muito mais do que outros estados ou países”, aponta.



Leuck está otimista com a produção de etanol de segunda geração

Dexco aposta em parceria com pequenos produtores para fortalecer cadeia florestal

DEXCO/DIVULGAÇÃO/JC



Empresa fomenta 242 produtores em 19 municípios do RS, diz Machado

No Rio Grande do Sul, a relação com pequenos e médios produtores rurais ocupa papel importante dentro da estratégia da Dexco S/A. No Vale do Taquari, a empresa mantém um dos mais antigos programas de fomento florestal do País, beneficiando atualmente 242 produtores distribuídos em 19 municípios, cujas propriedades possuem área média de 19 hectares e recebem assistência técnica, segurança de investimento e garantia futura de compra da madeira.

O programa contribui para a diversificação da renda das famílias e para o fortalecimento econômico das comunidades onde a atividade florestal está inserida. “A iniciativa já atravessou períodos de instabilidade econômica, eventos climáticos extremos e até a pandemia de Covid-19, mantendo o relacionamento com os produtores e buscando soluções conjuntas para os desafios enfrentados no campo”, afirma o diretor florestal da companhia, Anderson Lins Machado.

Com 75 anos de história completados em 2026, a empresa consolidou sua posição como a maior produtora brasileira de painéis de

madeira industrializada e uma das principais referências do setor florestal nacional. Um dos marcos históricos da empresa ocorreu em 1995, quando se tornou a primeira do Hemisfério Sul a conquistar a certificação FSC de manejo florestal, reconhecimento internacional que atesta a gestão responsável das florestas.

Desde então, a companhia ampliou sua atuação e fortaleceu marcas conhecidas do mercado brasileiro, como Duratex e Durafloor. “A empresa administra mais de 194 mil hectares de áreas de manejo florestal e atua de forma integrada em toda a cadeia produtiva, desde o cultivo de florestas plantadas até a fabricação de painéis, pisos e participação na produção de celulose solúvel”, relata Machado.

Apesar dos desafios enfrentados pelo setor, a companhia avalia que o mercado apresenta perspectivas positivas. Mesmo com os reflexos dos juros elevados sobre a construção civil, há sinais de recuperação gradual da demanda por reformas e habitação. Além disso, cresce o interesse por materiais renováveis e produtos com certi-

ficações ambientais, tendência que favorece empresas que já incorporaram critérios ESG (práticas ambientais, sociais e de governança corporativa) às suas operações.

Entre os principais obstáculos da cadeia florestal atualmente estão os custos logísticos, a infraestrutura de transporte e os impactos das mudanças climáticas. O aumento da frequência de estiagens e do risco de incêndios exige investimentos constantes em monitoramento e planejamento das operações.

Para enfrentar esse cenário, a Dexco vem ampliando investimentos em automação, transformação digital e Inteligência Artificial. Na área florestal, tecnologias voltadas ao monitoramento climático e ao manejo adaptativo buscam aumentar a produtividade e a resiliência das plantações. A companhia também mantém iniciativas de inovação aberta por meio do DX Ventures, fundo voltado à aproximação com startups e novas soluções para os setores de construção e habitação.

REPORTAGEM ESPECIAL

Família Souza transforma silvicultura em sucesso econômico no Vale do Taquari

Ana Esteves

Especial para o JC

O acesso ao crédito rural tem sido um dos principais instrumentos para o desenvolvimento de negócios ligados ao agro, assim como a resiliência dos agricultores gaúchos. Foi o que ocorreu com a família Souza, de Paverama, no Vale do Taquari.

O cultivo de eucalipto começou como uma alternativa para diversificar a propriedade, que também produzia milho e mantinha pecuária de corte. Com o tempo, a família percebeu que a silvicultura, por si só, poderia se tornar um excelente investimento.

“Meu pai começou com as áreas de eucalipto em 2003 e, tempos depois, resolveu empreender e reergueu uma serraria que estava sucateada, iniciando a produção de madeira para carvão. O negócio prosperou e hoje é nossa fonte de renda a partir da produção de madeira para a indústria de paletes, cavaco para caldeiras e serragem”, relata Marcelo Elias de Souza, que trabalha junto com o pai, Marcelo de Souza, e o irmão Mateus Felipe.

A família transformou uma pequena atividade florestal em um empreendimento consolidado e gerador de emprego e renda a partir de estratégias de planejamento e busca por apoio financeiro. Ao longo dessa trajetória,

o crédito teve papel decisivo para viabilizar investimentos e acelerar o crescimento da empresa.

Cliente do Sicredi há mais de 15 anos, os Souza encontram na cooperativa financeira uma parceira para financiar projetos e ampliar sua capacidade produtiva. Desde a aquisição de equipamentos até investimentos em infraestrutura, o acesso a linhas de crédito permitiu que a empresa avançasse em diferentes etapas do seu desenvolvimento. “Encontramos uma parceria importante no Sicredi, e muitos dos investimentos realizados ao longo dos anos tiveram apoio da cooperativa”, afirma Souza.

O assistente de negócios agro da Sicredi Ouro Branco, de Teutônia, Júlio César Kreutz, relata que a família Souza utiliza principalmente linhas de crédito para investimento e seguros rurais. Segundo ele, a trajetória da propriedade ilustra a transformação vivida por muitos produtores da região. “O Marcelo (pai) começou a atividade com recursos bastante limitados e, ao longo dos anos, conseguiu estruturar a propriedade e preparar a sucessão para a próxima geração”, afirma.

Kreutz destaca que o acesso a soluções financeiras e o acompanhamento técnico contribuem para a manutenção e a expansão das atividades rurais, especialmente em projetos de longo pra-



Marcelo Elias (direita) atua junto nos negócios com o pai Marcelo (centro) e o irmão Mateus Felipe (esquerda)

zo, como a silvicultura, além de auxiliar no processo de sucessão familiar. Marcelo Elias conta que o pai começou a trabalhar muito jovem, com pouca estrutura e muitas dificuldades.

No início, não tinha nem ferramentas adequadas para a atividade, mas, com esforço, foi evoluindo, comprando suas primeiras áreas de terra e também seu primeiro caminhão. “No começo não foi fácil, pois a serraria precisava de muitas melhorias”,

lembra. Com o tempo, foram se organizando, investindo e fazendo o negócio evoluir. “Hoje, a serraria está estruturada, com prédio novo, trator, caminhões, equipe de trabalho e produção organizada”, diz o empreendedor.

A madeira utilizada vem, em grande parte, das próprias áreas de terra, que somam mais de 200 hectares distribuídos entre os municípios de Paverama, Triunfo, Taquari e Tabaí. A família se dedica a todo o processo

produtivo: desde o plantio, manejo até a transformação da matéria-prima conforme a demanda da indústria.

Entre as vantagens da silvicultura, Marcelo Elias destaca o fato de ser um investimento certo. “É demorado, um investimento a longo prazo que leva de 8 a 10 anos para colher, mas é um investimento bem consolidado que vale a pena. Nossa produção é de 2 mil metros cúbicos de madeira por mês”, destaca.

Eucalipto garante renda e proteção ambiental em propriedade familiar de Ivorá

Em meio aos desafios impostos pelas mudanças climáticas e pela volatilidade dos mercados agrícolas, o produtor rural Charles Pigatto, de Ivorá, encontrou na silvicultura uma alternativa capaz de diversificar a renda da propriedade, reduzir riscos e contribuir para a conservação ambiental. Filho e neto de agricultores, Pigatto mantém a tradição familiar trabalha com diversas atividades, como pecuária de corte e leite, piscicultura, lavouras de milho, soja, feijão e tabaco e com eucalipto, que se consolidou como uma das principais culturas da propriedade, ao longo das últimas duas décadas.

“Tivemos anos de excesso de chuva e outros de seca e era pre-

ciso encontrar uma atividade que sofresse menos com essas oscilações climáticas”, relata. Segundo o produtor, a principal vantagem do eucalipto está na sua estabilidade produtiva, pois, diferentemente das culturas anuais, altamente dependentes das condições climáticas de cada safra, a floresta mantém seu desenvolvimento mesmo em períodos de estiagem ou excesso de precipitação. “Se chove, o eucalipto continua produzindo. Se falta chuva, também. Isso traz uma tranquilidade muito grande para quem depende da agricultura”, afirma.

Além da estabilidade produtiva, a ampla variedade de aplicações da madeira é apontada como um diferencial importante. De-

pendendo da idade e das características das árvores, a produção pode ser destinada à construção civil, fabricação de tábuas, painéis, estruturas rurais, lenha para secagem de grãos e diversos outros usos. Nos primeiros anos da atividade, Pigatto comercializou grande volume de varas para construção civil, especialmente para empresas da região de Santa Maria. Hoje, a madeira segue abastecendo diferentes mercados. “O eucalipto oferece várias possibilidades de venda como escoreamento e construção, no caso de árvores mais novas. Depois, pode virar tora para serraria, painéis ou lenha. Sempre existe algum mercado”, explica.

Atualmente, parte da produção

é utilizada na propriedade para cercas, galpões, mangueiras e outras estruturas, e o restante é comercializado para diferentes segmentos do mercado madeireiro. Ao longo dos 22 anos trabalhando com eucalipto, Pigatto também passou a observar ganhos ambientais proporcionados pelas florestas plantadas. Um dos exemplos mais evidentes é a presença de abelhas, pois as espécies cultivadas apresentam períodos variados de floração ao longo do ano, fornecendo alimento para polinizadores em diferentes épocas.

“É impressionante a quantidade de abelhas que encontramos nas áreas de eucalipto durante a floração. Muitos apicultores da região aproveitam essa caracte-

rística”, destaca. A pecuária também se beneficia da arborização. Nos dias mais quentes, os animais buscam abrigo sob as árvores durante as horas de maior temperatura. “Entre 10h da manhã e 3h da tarde, normalmente o gado está nas áreas sombreadas pelos eucaliptos. Isso melhora muito o conforto dos animais”, afirma.

Outro resultado percebido está na recuperação de áreas degradadas com forte processo erosivo, onde a mecanização era inviável e outras culturas apresentavam baixo desempenho. “O sistema radicular do eucalipto ajuda a estabilizar o solo, tanto que em alguns pontos, onde praticamente nada crescia, o eucalipto conseguiu se desenvolver e produzir bem”, relata.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Projeto Mulheres Transformam promove autonomia financeira e combate à violência

Com a meta de capacitar 500 mulheres em 2026, iniciativa do Instituto Vakinha alia fomento ao empreendedorismo feminino.

Agnês Noll
agnes@jcrs.com.br

“Quando você coloca comida na mesa de uma mulher, você coloca comida na mesa de uma família”. A frase foi dita pela diretora-executiva no Instituto Vakinha, Renata Fehlauer, que acompanha de perto a realidade das periferias gaúchas e resume a filosofia por trás do projeto Mulheres Transformam, o principal programa social do Instituto Vakinha.

Criado em 2023 com o objetivo de fomentar a autonomia feminina em cenários de extrema vulnerabilidade, o projeto chega à sua quarta edição em 2026 com uma meta: estender a mão para 500 mulheres, transformando dor em protagonismo e dependência em liberdade.

O Instituto Vakinha nasceu em 2020 como o braço social da famosa plataforma de financiamento coletivo (hoje a maior

da América Latina). Após demonstrar uma força gigantesca de mobilização social, como na arrecadação de mais de R\$ 80 milhões para os atingidos pelas enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, a instituição percebeu que os impactos das crises climáticas e sociais deixam cicatrizes profundas e permanentes, especialmente nas mulheres.

Em 2025, o projeto acolheu moradoras de regiões fortemente castigadas, como o arquipélago das Ilhas de Porto Alegre, a Vila Costaneira em Eldorado do Sul e o 4º Distrito. Para 2026, além de manter o foco nessas comunidades, o programa expande suas fronteiras para o Vale do Taquari, região que segue sofrendo com as persistentes cheias.

Para esse público, composto por mulheres em situação de pobreza, vulnerabilidade social e muitas vezes vítimas de violência, o caminho para assistir a uma aula é repleto de barreiras invisíveis. É aí que o projeto se diferencia. “Muitas vezes elas recebem a capacitação, mas não conseguem ir porque não tem dinheiro para pagar o ônibus, ou não tem

ninguém para deixar o filho”, comenta Renata.

Para quebrar esse ciclo, o Mulheres Transformam oferece transporte, alimentação, recreação para os filhos e um capital semente de R\$ 1 mil para cada participante iniciar seu negócio. São cinco dias de imersão presencial e mais 90 dias de mentoria remota, com a chancela metodológica do Senac.

No entanto, ao entregar o capital semente nas edições anteriores, a equipe se deparou com uma realidade perturbadora: muitas mulheres diziam que não podiam receber o dinheiro sem autorização do marido ou que sequer tinham direito a uma conta bancária. “Na nossa visão, é justamente a dependência financeira que as mantém em vários violentos.” A constatação da violência patrimonial, somada aos índices alarmantes de feminicídio no Estado, fez o projeto evoluir.

Em 2026, em parceria com o Ministério Público do Rio Grande do Sul e sob a supervisão da promotoria especializada, as alunas dedicam um dia inteiro ao letramento jurídico, identificação de abusos e fortalecimento da autoestima. Capacidade de empreender e conhecimento dos direitos andam juntos para formar um escudo intransponível contra a violência.

Mais do que um projeto de capacitação, o Mulheres Transformam é um chamado urgente à responsabilidade coletiva. Renata lembra que, embora os holofotes da mídia muitas vezes se apaguem e as pautas políticas mudem de direção, a realidade cruel do feminicídio e da violência de gênero não tira férias. O problema segue latente, silencioso e vigente.

O apelo de Renata ecoa como um alerta necessário, direcionado especialmente ao



INSTITUTO VAKINHA/DIVULGAÇÃO/JC

Iniciativa surgiu em 2020 como braço do Instituto Vakinha

empresariado e à sociedade civil: a urgência não passou. “Que a sociedade civil não esqueça que essa temática segue vigen-

te e que, quando a gente fortalece mulheres, a gente também fortalece comunidades”, pontua a diretora.

Ateliê Libélula Azul é reflexo do impacto do programa social

A história de Tatiana Freitas é o retrato vivo de um recomeço costurado à mão. Formada em Arquitetura, ela dedicou dez anos de sua vida para estudar e estruturar o próprio escritório. Viu o fruto de seu esforço prosperar até que em maio de 2024, a água da pior enchente da história do Rio Grande do Sul invadiu seu espaço, levando embora computadores, papéis, móveis e sonhos. “A enchente levou tudo embora”,

recorda. Tatiana perdeu a estabilidade e passou a viver de favor.

O pós-enchente trouxe um novo desafio: sua filha mais nova recebeu o diagnóstico de autismo. O cuidado com as terapias diárias e a necessidade de estar presente em tempo integral inviabilizaram a retomada de uma carreira tradicional na arquitetura. Separada e chefe de família, ela precisava se reinventar para sustentar o lar sozi-

na. A resposta veio por meio do artesanato e da encadernação artística, mas faltavam recursos para dar o primeiro passo.

Foi quando uma amiga indicou o projeto Mulheres Transformam. Nas salas de aula do programa, apoiada por outras mulheres que também juntavam seus próprios pedaços, ela encontrou o fomento que faltava. “Com esse valor de investimento que a gente recebeu, eu investi

totalmente na compra de equipamentos básicos e materiais para começar”, conta Tatiana. O suporte técnico e os 90 dias de mentoria foram o combustível para vencer a insegurança: “Isso foi muito importante, me auxiliou, inclusive, a perder o medo de levar a ideia adiante”.

Hoje, Tatiana assina suas criações como uma orgulhosa empreendedora criativa à frente do Ateliê Libélula Azul. Seus cader-

nos artesanais, feitos com cuidado e delicadeza, são vendidos para pessoas físicas e empresas, transformando-se no símbolo físico de sua reconstrução. Muito além do dinheiro, Tatiana descobriu que pontes sólidas são feitas de afeto. “O maior ganho desse programa é a rede de apoio. É ver que muitas mulheres passaram por situação muito parecida com a minha, se não igual, e estão na trilha de se reconstruir.”

Dívida pesando ou caixa apertado?

NOVO
DESENROLA
BRASIL



Com o **Desenrola Brasil** no **Banrisul**, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.

Renegocie com descontos e aproveite mais prazo de pagamento.

Acesse o site do Banrisul ou fale com seu gerente e confira as condições.



Banrifone
Porto Alegre (51) 3210 0122
Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

banrisul